



Centro Universitário Vale do Salgado

**CENTRO UNIVERSITÁRIO VALE DO SALGADO – UNIVS
BACHARELADO EM PSICOLOGIA**

FABIANA ANTÔNIA DA CONCEIÇÃO DE SALES

**O “PEQUENO PRÍNCIPE” COMO RECURSO TERAPÊUTICO NA ABORDAGEM
DA TERAPIA COGNITIVA COMPORTAMENTAL**

**ICÓ – CEARÁ
2019**

FABIANA ANTONIA DA CONCEIÇÃO DE SALES

**O PEQUENO PRÍNCIPE COMO RECURSO TERAPÊUTICO NA ABORDAGEM DA
TERAPIA COGNITIVO COMPORTAMENTAL**

Monografia submetida à disciplina de TCC II do Curso Bacharelado em Psicologia do Centro Universitário Vale do Salgado - UNIVS, a ser apresentado como requisito para obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Esp. Sandra Mary Duarte

FABIANA ANTONIA DA CONCEIÇÃO DE SALES

O PEQUENO PRÍNCIPE COMO RECURSO TERAPÊUTICO NA ABORDAGEM DA
TERAPIA COGNITIVO COMPORTAMENTAL

Monografia submetida à disciplina de TCC II do Curso Bacharelado em Psicologia do Centro Universitário Vale do Salgado - UNIVS, a ser apresentado como requisito para obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Aprovada em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Esp. Sandra Mary Duarte
Centro Universitário Vale do Salgado
Orientadora

Prof. Esp. Lielton Maia Silva
Centro Universitário Vale do Salgado
1ª Examinador

Prof. Me. José Alves de Souza Filho
Centro Universitário Vale do Salgado
2ª Examinador

Gostaria de dedicar este trabalho a todos aqueles que foram de suma importância em minha jornada acadêmica, que me proporcionaram forças nas horas que faltaram e sabedoria nos momentos de escuridão e angústia.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha família por sempre terem me “motivado” a persistir nos momentos de fraqueza, por ter sido compreensivos comigo quando não pude está sempre ao lado deles.

Aos meus colegas de profissão por me darem exemplos de ética profissional e de sala por me acompanhar nesta trajetória e por estarem presentes.

A minha banca, por todas as contribuições dadas para a construção deste trabalho, pela presença neste momento e pela compreensão e entendimento fazendo com que este momento tornasse mais calmo e tranquilo possível, a vocês o meu obrigada.

Aos professores reconheço um esforço gigante com muita paciência e sabedoria, que me deram ferramentas para evoluir, em especial a minha orientadora pela sua dedicação e paciência, seus conhecimentos são pilares fortes, instrutivos e valiosos dentro desta instituição acadêmica. A universidade por sempre priorizar o conhecimento e transmitir o saber com muito profissionalismo, através do seu corpo docente.

A todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigada.

Ao Criador sem ele nada seria possível. E por fim a mim pela resistência, dedicação e persistência nesta jornada.

“Só se conhece bem o que se cativa. As pessoas já não têm tempo de conhecer nada. Preferem comprar tudo pronto nas lojas. Como não existem lojas que vendem amigos, as pessoas não têm mais amigos. Se quer um amigo, trate de cativar!” (Exupery, O Pequeno Príncipe, 2015).

RESUMO

SALES, F. A. C. **“O Pequeno Príncipe” como recurso terapêutico na abordagem da Terapia Cognitivo Comportamental.** 2019. 40 f. Monografia (Bacharelado em Psicologia) – Centro Universitário Vale do Salgado, Icó, 2019.

“O Pequeno Príncipe” é um livro de origem francesa tendo seu título original como o “Le Petit Prince”, foi publicado em 06 de abril de 1943 sendo a obra mais famosa do escritor *Saint Exupery*, foi traduzido para mais de 160 línguas e dialetos. A trama proporciona reflexões acerca de amor, amizade, o sentido da vida, da natureza humana, bem como realiza uma crítica a modernidade e a perda dos valores essenciais do ser humano. E ainda defende que a sabedoria da criança pode servir e guiar a vida adulta. Isto o torna relevante para este estudo. Esta pesquisa objetiva utilizar esta obra literária como recurso terapêutico na Terapia Cognitivo Comportamental (TCC), bem como analisa os aspectos terapêuticos do livro, discutindo algumas técnicas da TCC, entendendo o ser humano dentro dos preceitos da teoria do desenvolvimento de Jean Piaget. Para isso utilizamos uma breve revisão de literatura com delineamento documental do livro “O Pequeno Príncipe”, sendo também uma pesquisa exploratória, com abordagem qualitativa. O procedimento de análise foi realizado por utilização de alguns trechos do livro como recurso terapêutico, utilizamos da análise do discurso para averiguar as cenas dos personagens do mesmo. Concluímos que a obra possui inúmeras vertentes para ser explorada como recurso terapêutico dentro da abordagem da Terapia Cognitivo Comportamental, e que apenas iniciamos um trabalho que certamente abrirá caminhos para outros pesquisadores.

Palavras-chave: O Pequeno Príncipe. Recurso Terapêutico. Terapia Cognitivo Comportamental.

ABSTRACT

SALES, F, A, C. **The little prince as a therapeutic resource in approaching cognitive behavioral therapy.** 2019. 40 f. Monograph (Bachelor of Psychology), Vale do Salgado University Center, Icó, 2019.

"The Little Prince" is a book of French origin with its original title as the "Le Petit Prince", was published in 6 April 1943 being the most famous work of the writer Saint Exupery, it has been translated into over 160 languages and dialects. The plot provides reflections on love, friendship, the meaning of life, of human nature, as well as performs a critique of modernity and the loss of the essential human values. And also argues that the child's wisdom can serve and guide adulthood. This makes it relevant to this study. This research aims to use this literary work as a therapeutic resource in Cognitive Behavioral Therapy (CBT) and analyzes the therapeutic aspects of the book, discussing some techniques of CBT, understanding the human being within the precepts of the theory of development of Jean Piaget. For this we use a brief literature review to document design of the book "The Little Prince", also being an exploratory research, with a qualitative approach. The analysis procedure was performed by using some parts of the book as a therapeutic resource, use of discourse analysis to investigate the scenes of the characters of the same. We conclude that the work has many aspects to be explored as a therapeutic resource within the Cognitive Behavioral Therapy approach, and it just started a job that certainly will open ways for other researchers.

Keywords: The Little Prince. Therapeutic resource. Cognitive behavioral therapy.

LISTA DE TABELAS E FIGURAS

Tabela 1 – Descrição dos estágios de desenvolvimento cognitivo.....	17
Figura 1 – Organograma da aplicação da TCC com o infante.....	22

LISTA DE SIGLAS E/OU ABREVIATURAS

CN	Crença Nuclear
ESP	Especialista
HD	Hipótese Diagnóstica
ME	Mestre
PA	Pensamentos Automáticos
PROF	Professor
TCC	Terapia Cognitivo Comportamental
UNIVS	Centro Universitário Vale do Salgado

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 OBJETIVOS	13
2.1 OBJETIVO GERAL.....	13
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	13
3 REVISÃO DE LITERATURA.....	14
3.1 O “PEQUENO PRINCIPE” DE <i>ANTOINE DE SAINT-EXUPÉRY</i>	14
3.2 O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA SEGUNDO JEAN PIAGET	15
3.3 TERAPIA COGNITIVO COMPORTAMENTAL UM APANHADO GERAL DA CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA	18
3.4 A TERAPIA COGNITIVO COMPORTAMENTAL VOLTADO A CRIANÇA	19
3.4.1 A aplicabilidade da TCC no infante	23
3.4.2 Recursos terapêuticos na clínica com crianças	24
4 METODOLOGIA.....	26
4.1 TIPO DE ESTUDO	26
4.2 PERÍODO QUE COMPREENDE O ESTUDO	27
4.3 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO	27
5 ANÁLISE E DISCUSSÃO.....	28
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
REFERÊNCIAS	39

1 INTRODUÇÃO

O Pequeno Príncipe é a obra mais famosa de Saint Exupéry, traduzido para mais de 160 línguas e dialetos, motivos suficientes para torná-lo um clássico mundial, principalmente por ser de uma atualidade invejável as emoções e ensinamentos tratados pelo protagonista.

Del Prette (2017), salienta que a infância é uma fase em que são absorvidos os valores, regras e padrões sociais e é difundida a construção do caráter, porém na atualidade as crianças vivem em situações complexas, pois estes fatores são a todos os momentos contraditórios na escola, na família bem como nos meios de comunicação. Desta forma para lidar com a realidade imposta a criança necessita desenvolver um repertório de habilidades sociais, mais elaborado e flexível às demandas ofertadas do ambiente.

Desta forma a Terapia Cognitivo Comportamental (TCC) voltada ao infante tem um papel significativo neste processo de desenvolvimento, pois com o auxílio da ludicidade a criança consegue colocar em ordem os conteúdos que estão em desordem bem como entender os estímulos que estão surgindo dos ambientes em que ele está inserido (HABER; CARMO, 2007).

A possibilidade de identificação de sentimentos, regras e eventos ambientais podem determinar os padrões comportamentais que a criança emite no decorrer do processo de construção de valores e caráter, pois propicia para a criança um enriquecimento no quadro das habilidades sociais podendo auxiliar na transformação de um adulto menos adoecido (GADELHA; MENESES, 2004).

Neste trabalho aplicamos como recurso terapêutico da Terapia Cognitivo Comportamental a obra O Pequeno Príncipe, de Saint Exupéry, um clássico da literatura mundial que unimos ao pensamento do teórico Jean Piaget.

Pela dimensão que este livro carrega sobre si mesmo, esta pesquisa se fez importante para percebermos o quanto um objeto que aparentemente é utilizado como contratempo, diversão, entretenimento em todas as fases da vida, pode sim se tornar um recurso terapêutico quando bem planejado para este fim.

Temos consciência que este estudo é um começo que muito bem se dará como suporte para outras pesquisas sobre o tema.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Analisar a obra “O Pequeno Príncipe” de Saint-Exupéry como recurso terapêutico da Terapia Cognitivo Comportamental (TCC) na infância.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Analisar os aspectos terapêuticos da obra “Pequeno Príncipe”;
- Discutir algumas técnicas da TCC;
- Discutir as possibilidades Terapêuticas do “Pequeno Príncipe”.

3 REVISÃO DE LITERATURA

3.1 O “PEQUENO PRÍNCIPE” DE ANTOINE DE SAINT-EXUPÉRY

O “Pequeno Príncipe” é de origem francesa, foi publicado em 06 de abril de 1943, sendo a obra mais famosa de *Exupéry*, foi traduzido para mais de 160 línguas e dialetos o tornando o livro francês mais vendido no mundo.

Desta forma a história começa com o avião do narrador sofrendo uma queda no Deserto do Saara. Ele conta apenas com um reduzido estoque de água e comida e seu avião foi gravemente danificado pela queda. Em meio a essa desesperante situação, o narrador é abordado por um pequeno e sério menino loiro, o Pequeno Príncipe, que lhe pede para desenhar uma ovelha.

O narrador atende ao seu pedido e os dois se tornam amigos. O piloto descobre que o Pequeno Príncipe veio de um pequeno planeta chamado Asteroide B-612, mas que para o Pequeno Príncipe se chama Asteroide 325. O Príncipe lhe fala sobre o cuidado permanente com seu planeta, sobretudo em evitar o crescimento dos Baobás, que provocariam sua destruição. Relata que um dia, uma rosa surgiu misteriosamente em seu planeta e ele caiu de amores por ela, mas após pegá-la em uma mentira, resolveu que jamais voltaria a crer em suas palavras. Ele se sentia solitário e resolveu partir. Embora os dois tenham se reconciliado no último instante, o Pequeno Príncipe seguiu seu propósito de sair a explorar outros planetas para curar sua solidão.

Durante a jornada, nos conta o narrador, o “Pequeno Príncipe” passa pelos asteroides vizinhos e pela primeira vez se depara com o estranho mundo dos adultos. Nos seis planetas visitados, ele conhece um rei, um homem vaidoso, um bêbado, um homem de negócios, um acendedor de lampiões e um geógrafo. Os seis levam uma vida solitária, consumidos pelas obrigações que eles próprios se impuseram. Tais comportamentos o perturbam, já que o Pequeno Príncipe não consegue compreender as necessidades de comandar os outros, ser admirado e de tudo possuir.

Uma exceção é o acendedor de lampiões, cuja obstinada dedicação desperta admiração por parte do pequeno viajante. O geógrafo lhe explica que as flores não duram para sempre, o que faz aflorar a saudade de sua rosa deixada para trás. É seguindo uma sugestão do geógrafo que o Pequeno Príncipe chega ao planeta Terra, mas ele aterrissa no meio do deserto, onde não encontra nenhum humano. Logo se depara com uma serpente, que lhe fala através de enigmas e afirma possuir um veneno mortal capaz de leva-lo de volta aos céus,

caso assim ele deseje. O Pequeno Príncipe ignora a oferta e segue sua expedição, parando para escalar o mais alto monte que encontra, onde confunde o eco de sua própria voz com uma conversa. A descoberta de um jardim de rosas o surpreende e decepciona, já que sua rosa havia lhe dito que ela era única no mundo.

O Pequeno Príncipe se torna amigo de uma raposa, que lhe passa as seguintes lições: as coisas realmente importantes só podem ser vistas através do coração, o tempo e a dedicação dispensados à sua rosa tornariam especial para ele o amor implica a responsabilidade perante o ser amado.

No oitavo dia do piloto no deserto, ele e o Pequeno Príncipe encontram um poço. A água refresca e nutre seus corações mais do que seus corpos. No entanto, a mente do Príncipe está completamente fixada em voltar para sua rosa, e ele começa a fazer planos com a serpente. O narrador consegue consertar seu avião um dia antes do Príncipe completar seu primeiro ano na Terra, então a serpente morde o Pequeno Príncipe, que cai imóvel na areia. No dia seguinte, o narrador não encontra o corpo do Príncipe na areia, o que o leva a acreditar que ele tenha retornado ao seu asteroide.

3.2 O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA SEGUNDO JEAN PIAGET

Jean William Fritz Piaget foi um biólogo e epistemólogo suíço onde na metade do século XX revolucionou o campo educacional e concentrou seus estudos no desenvolvimento natural da criança, denominado epistemologia genética. Piaget aponta que o pensamento da criança naturalmente se divide em quatro fases que vão desde o nascimento até o início da adolescência quando as suas capacidades cognitivas e de raciocínio estão completamente maturadas (PIAGET, 1997).

Sua obra foi popularizada no Brasil na década de 60 onde existia um debate acerca da reciclagem das práticas metodológicas no âmbito escolar. Sua teoria foi implantada nas escolas brasileiras sem o devido embasamento necessário para a compreensão da obra, porém o próprio autor destaca que seus estudos sofreram mudanças nos quarenta anos de produção científica (PIAGET, 1969).

É de suma importância falar da infância e das infâncias neste estudo, pois a criança é um ser comunicativo provido de várias linguagens bem como de inúmeras características que marcam seu desenvolvimento e vida adulta. Desta forma como apontam Cabral e Nick (1996), a linguagem bem como todos os processos cognitivos como atenção, memória, pensamentos da criança estão interconectados.

“[...] A linguagem por sua vez influencia o pensamento, as palavras ajudam a contemplar o aqui e agora, o ontem e o hoje, pessoas e objetos que não estão presentes, locais dos mais próximos até as mais distantes ideias abstratas” (CABRAL; NICK, 1996, p. 216)

Para Piaget (1991), a linguagem pode ser considerada como um código, desta forma conforme o crescimento da criança sua linguagem também evolui, propiciando a mesma um maior campo de percepção e conhecimento. Uma criança pequena se encontra em uma fase de um jogo simbólico de imaginação que proporciona o desenvolvimento do pensamento desempenhando um grande papel para a fonte de representações individuais tanto afetivas quanto cognitivas. Desta forma proporcionando para a criança o desenvolvimento da imitação retardada onde a criança toma um adulto como referência e acaba por desempenhar um comportamento que já foi previamente observado.

Porém ainda sobre o autor supracitado, aponta o modelo biológico de desenvolvimento onde o sujeito passa por estágios que correspondem a estruturas cognitivas que propicia várias formas de interpretações com o meio, possibilitando prever o que pode ocorrer em cada estágio do desenvolvimento.

Piaget (1991), salienta que existem alguns fatores que influencia o desenvolvimento humano, a hereditariedade que desempenha a carga genética estabelecendo o potencial que o individuo possa ou não desenvolver dependendo das condições ofertadas pelo ambiente, o crescimento orgânico que se refere ao aspecto físico que pode pretermitir novos comportamentos, a maturação neurofisiológica que propicia através da maturação novos comportamentos e por fim o próprio meio que oferta um conjunto de contingencias e estimulações que podem alterar padrões de comportamentos.

Sobre os estágios de desenvolvimento apontados por Piaget (1991), temos o estágio sensório motor que se caracteriza por crianças de (0 a 2 anos) onde possibilita o desenvolvimento da consciência do próprio corpo, diferenciando do restante do mundo físico. Neste estágio a sucção é inata.

O período pré-operatório (2 a 7 anos) é onde ocorre o desenvolvimento da linguagem com três consequências para a vida mental: a) socialização da ação, com troca entre os indivíduos; b) desenvolvimento do pensamento e finalismo (fase dos porquês); c) desenvolvimento da intuição desta forma, este estágio é marcado pelo egocentrismo infantil. No egocentrismo a criança não consegue se colocar no lugar de uma outra pessoa. Seu pensamento é irreversível.

O estágio caracterizado por crianças de (7 a 12 anos) operações concretas indica o desenvolvimento do pensamento lógico sobre coisas concretas, compreensão das relações

entre as coisas e capacidade para classificar objetos, superação do egocentrismo da linguagem, aparecimento das ações de conservação de substância, peso e volume. No início deste estágio a criança ainda está muito focada em sentir os objetos, em pegá-los, abandonando esta característica ao longo do seu desenvolvimento.

E por fim o estágio das operações formais (12 anos em diante) desenvolve a capacidade para construir sistemas e teorias abstratas, para formas e entender conceitos de amor, justiça, democracia, do pensamento concreto sobre coisas, para o pensamento abstrato, hipotético dedutivo, isto é, o indivíduo se torna capaz de chegar a conclusões a partir de hipóteses.

Piaget chegou a afirmar que nem todas as pessoas chegariam ao quarto e último dos seus estágios de desenvolvimento da inteligência, muitas sequer se desenvolvem ao ponto de chegar ao terceiro estágio piagetiano.

Tabela 1 – Descrição dos estágios de desenvolvimento cognitivo

Estágio	Faixa Etária	Características
Sensório-motor	0 – 2 anos	Evolução da percepção e motricidade
Pré-operatório	2 – 7 anos	Interiorização dos esquemas de ação, surgimento da linguagem do simbolismo e da imitação deferida.
Operatório Concreto	7 – 11 anos	Construção e descentração cognitiva; compreensão da reversibilidade sem coordenação da mesma; classificação, seriação e compensação simples.
Operatório Formal	Acima de 11 anos	Desenvolvimento das operações lógicas matemáticas e infralógicas, da compensação complexa (razão) e da probabilidade (indução de leis).

Fonte: Adaptado de Piaget (1967).

A teoria de Jean Piaget evidencia que existe uma relevância da construção subjetiva nas relações sociais para com a formação da autonomia e moral do sujeito.

Piaget (1973) aponta “que o homem normal não é sociável da mesma maneira aos seis meses de idade ou aos vinte anos, porém sua individualidade pode não ser da mesma qualidade”.

Este autor defende que as relações sociais inevitavelmente estão interligadas sendo influenciadoras no desenvolvimento. Salienta também que o termo “homem social” expresso

a condição de um ser que vive em sociedade e que assim sofre influências pelas relações e contextos que está inserido.

A interação social que se segue a cada momento de nossas vidas é um elemento definidor de nossas ações e de nossos comportamentos sociais: um adulto não pode comportar-se como uma criança de cinco anos e isso ele aprendeu ao longo de seu desenvolvimento na relação com os outros homens. Piaget pensa o Ser Social como o indivíduo que se relaciona com os outros, seus semelhantes, de forma equilibrada. Entretanto, Piaget faz uma ponderação muito interessante sobre relação equilibrada, a qual, segundo ele, somente pode existir entre pessoas que estejam no mesmo estágio de desenvolvimento (TAILLE; OLIVEIRA; DANTAS, 1992).

3.3 TERAPIA COGNITIVO COMPORTAMENTAL UM APANHADO GERAL DA CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

Para um aporte teórico mais consistente é necessário ressaltar a importância do Behaviorismo na história da psicologia científica, de modo a apresentar brevemente as ideias inovadoras a respeito da percepção de homem e mundo.

Visto isso o movimento Behaviorista nasce nos Estados Unidos frente a duas forças culturais antagônicas sendo elas o estruturalismo e o funcionalismo, desta forma o Behaviorismo se constitui em um recorte histórico onde a psicologia inicia seu projeto de estudar o comportamento (SÉRIO, 2005).

Considerado como o fundador do behaviorismo, Watson foi uma personalidade de relevância na história da psicologia, seus estudos trouxeram novas perspectivas de pensamentos em relação ao comportamento, ambiente, estímulos e organismo (MICHELETTO, 1999).

Outra vertente da psicologia do comportamento nasceu com B. F Skinner denominado como Behaviorismo Radical. Esta ramificação em suma se caracteriza por experimentos comportamentais com animais por meio da observação e a análise de comportamentos emitidos de acordo com os estímulos do meio (TOURINHO, 1988).

Um outro influenciador do movimento behaviorista foi Albert Bandura que trouxe um olhar voltado a perspectiva social embasado na aprendizagem pela observação, ou aprendizagem vicária, famoso por seus experimentos do “João Bobo” Bandura proporcionou novas concepções para o movimento (MATOS, 1997).

Desenvolvida como forma de Psicoterapia Breve focada, com um enfoque para depressão, bem como combater pensamentos disfuncionais a Terapia Cognitivo Comportamental (TCC) criada por Aaron T. Beck na Universidade da Pensilvânia na década de 60 teve um destaque entre as terapias contemporâneas pois, Beck adaptou as técnicas

utilizadas sem descaracterizar os apriores teóricos e criou o modelo cognitivo da TCC. Este modelo leva em consideração os pensamentos distorcidos que podem ser caracterizados como “pensamentos automáticos” (P.A) que influenciam os humores e o comportamento do cliente, bem como disfunções cognitivas distorcidas que modificam ou causam sofrimento ao sujeito crenças nucleares (CN) (BECK, 2013)

A Terapia Cognitivo Comportamental de Aaron Beck é uma pratica impar pois, foi desenvolvida de forma a ser unificada com as perspectivas da teoria da personalidade bem como a psicoterapia alicerçado no embasamento empírico. Tendo um amplo conjunto de aplicações e assertividade teórica. Podendo ter seu campo de ação a psicologia clínica, organizacional, na pratica hospitalar, na atenção de pessoas idosas, adultas e no público infante (BECK, 2013).

Destá forma os autores Wright, Basco e Thase (2008), salientam que é de suma importância compreender quais são os pontos primordiais que norteia a TCC, visto isso, a queixa principal é o ponto de partida para a realização do traçado de métodos e técnicas que serão utilizados no decorrer das sessões, para que desta forma identifique o está disfuncional e o que está gerando sofrimento ao mesmo.

A metodologia de trabalho adotada por um terapeuta cognitivo é que seja efetuado um trabalho em conjunto com o paciente, pois o provedor de mudanças não é o terapeuta, mas sim o sujeito que está em atendimento. Porém ainda sobre os autores supracitados, o que possibilita este caminho autônomo do sujeito em processo de psicoterapia é a aliança terapêutica enfatizada veementemente por Beck.

Sendo assim, vale salientar que a aliança terapêutica estabelecida entre crianças e adultos se dar de maneiras diferentes, sendo a criança bem mais fechada nesta relação, o terapeuta não deve se apressar, aos poucos vai ganhando a confiança, o carinho e o respeito do paciente que embora criança, possui sentimentos que merecem respeito.

3.4 A TERAPIA COGNITIVO COMPORTAMENTAL VOLTADO A CRIANÇA

Moura, Venturelli (2014) enfatizam que sistematizar o processo terapêutico é significativo para o sucesso da terapia, pois como possibilita ao terapeuta como e quando intervir de acordo com o repertorio já colhido. Porém as autoras ainda apontam que o trabalho de estruturação e sistematização com crianças deve-se ter um maior cuidado, pois o manejo da terapia com crianças exige habilidades diferenciadas, como por exemplo, lidar com os relatos

“metafóricos” da criança, já que são necessários recursos lúdicos como formas de intervenção.

A psicoterapia infantil é uma área que vem se prontificando ao crescimento, desta forma é visto que este recurso está sendo indispensável para além do âmbito terapêutico, mas sim da prevenção e promoção dado ao movimento da valorização do diagnóstico precoce de possíveis patologias na infância, possibilitando o tratamento mais eficaz e diretivo bem como possíveis agravamentos na vida adulta. (PUREZA *et al.*, 2014)

É de suma importância evidenciar que o tratamento com crianças passou por várias modificações e experimentações, que pode levar a uma nova identificação e compreensão acerca de comportamentos aversivos e ou indesejáveis. Para a modificação destes comportamentos os princípios que eram utilizados eram com base na aprendizagem, a fim de propiciar a mudanças em comportamentos públicos, sem a menor pretensão de realizar uma avaliação do contexto das variáveis comportamentais, estímulos e reforços que eram administrados para a criança. (OTERO, 1989)

Visto isso, Pureza *et al.*, (2014) salientam que o psicólogo Cognitivo-Comportamental deve se levar em consideração alguns aspectos para com o traçado terapêutico com crianças sendo eles: a relevância da história pregressa da criança, exames médicos, a identificação e compreensão da queixa, levando em conta o relato da criança sem descaracterizar o discurso paterno e/ou dos responsáveis, pois é através deste relato que o terapeuta pode ter uma compreensão dos vínculos, humor prevalente da criança, bem como suas vivências sejam de âmbito familiar ou não. Desta forma as autoras descrevem que a anamnese deve ser feita de forma criteriosa e mais completa possível para que assim possa ser feito um traçado terapêutico de forma diretiva e focal.

Com isto dito Otero (1989) salienta que é de suma importância se trabalhar com as causas do sofrimento da criança, e não apenas nos recortes e efeitos que estão circunscritos neste sujeito, abrindo espaço de fala.

Muitas vezes é difícil retirar da criança seus sentimentos e emoções através da fala, cabe ao terapeuta utilizar-se de recursos outros para estes fins, como desenhos, pinturas, brincadeiras, fantoches, contação de histórias, utilização de livros.

Moura e Venturini (2004), apontam quais são os passos da terapia com crianças, utilizando-se da Terapia Cognitivo Comportamental, sendo a entrevista inicial com os pais e familiares, bem como os contatos iniciais, a criança vem para sessão após validação inicial com os pais. Discorrem que na primeira sessão o psicólogo infantil deve se apresentar e explicar o que está acontecendo, ou seja, o funcionamento da terapia, definirá com a criança

os fatos que poderão acontecer a posteriori e ter uma ideia de qual representação a criança faz da figura do terapeuta, como também esclarecer as regras como o sigilo profissional. A criança também definirá juntamente com o terapeuta o problema a ser trabalhado.

Se a criança concorda com a queixa definida pelos pais o terapeuta avança na construção de vínculos, se ela discorda da queixa trazida pelos genitores e não define seus próprios objetivos, o terapeuta irá expor sua análise do problema.

Beck (2013), salienta que a aliança terapêutica estabelecida na TCC tem um papel fundamental no processo psicoterápico.

Desta forma, Moura e Venturelli (2004), apontam que após o estabelecimento da aliança e da colheita dos dados, o terapeuta deve observar se o problema está relacionado a expressividade emocional, se estiver deve-se trabalhar a identificação e expressão de sentimentos e auto-exposição.

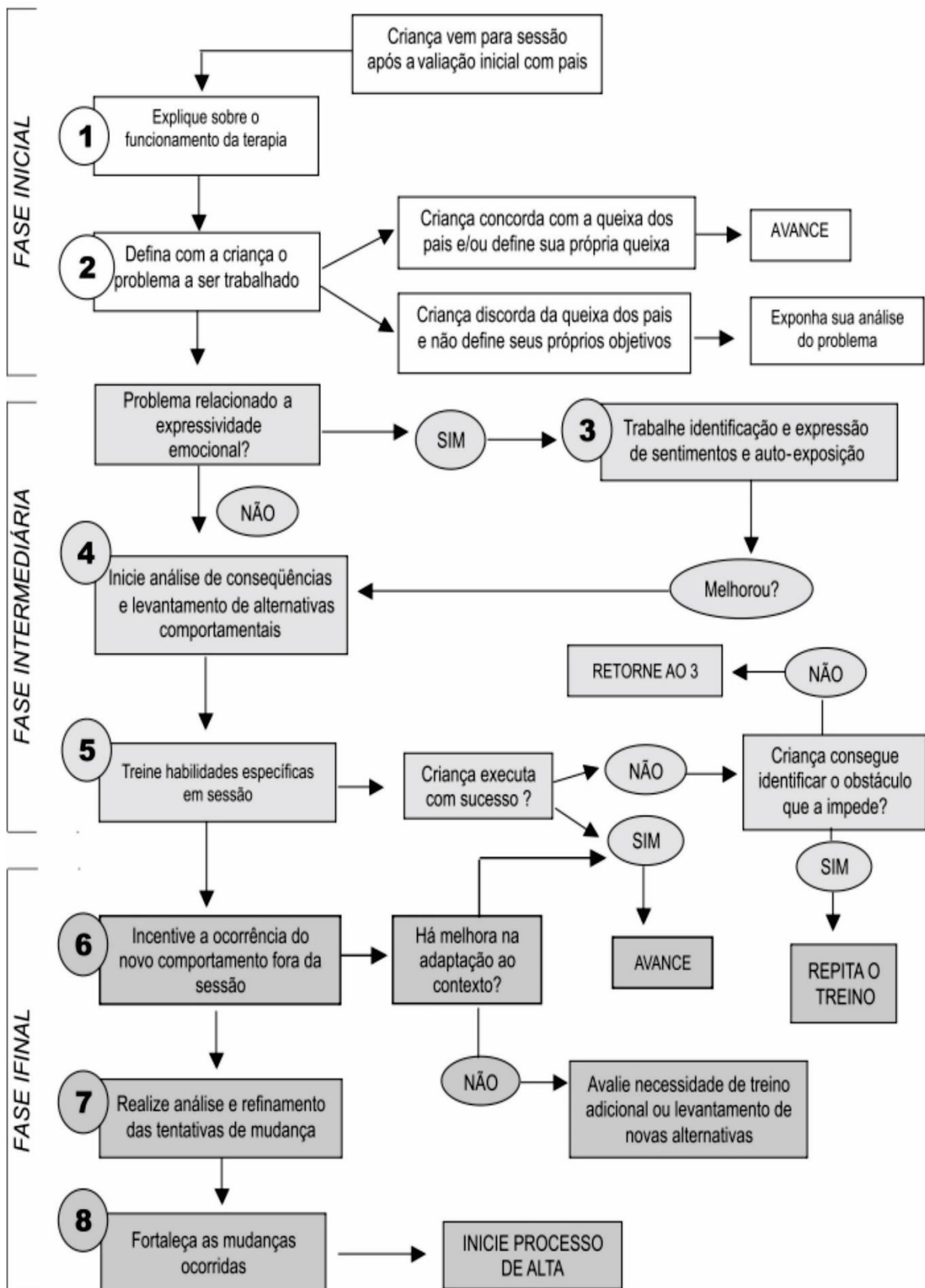
Se não estiver o terapeuta deve iniciar analisando consequências e levantamento de alternativas comportamentais, identificando se as expressões de sentimentos e auto-exposição melhoraram, treinando habilidades específicas em cada sessão, se a criança não executar com sucesso, repita o treinamento, caso contrário avance incentivando a ocorrência do novo comportamento fora da sessão, se não existir melhora, avalie a necessidade de treino adicional ou levantamento de novas alternativas.

A fase final do tratamento se remete a melhora da criança e a comportamentos adaptativos funcionais emitidos e reforçados no decorrer das sessões anteriores, cabe ao terapeuta realizar análise e refinamento das tentativas de mudança e fortalecer as mudanças ocorridas. Partindo deste ponto, inicia-se o processo de alta.

Moura e Venturelli (2004), discorrem que as atividades lúdicas, os livros, os fantoches, os filmes, as atividades de casa podem ser feitas de uma forma mais relaxada, pois nesta fase é apresentado o feedback para a criança e para os pais.

Para ilustrar melhor as informações supracitadas, a Figura 1 demonstra um esquema sobre a aplicação da TCC com a criança.

Figura 1 – Organograma da aplicação da TCC com o infante.



3.4.1 A aplicabilidade da TCC no infante

A aplicabilidade da TCC com crianças se distancia e ao mesmo tempo se aproxima da práxis com adultos, pois a demanda de certa forma não é espontânea e um processo consciente do paciente já que normalmente a queixa é trazida pelos pais, desta forma Friedberg e McClure (2007), apontam que as crianças são trazidas pelos responsáveis com queixas que podem estar causando problemas à algum sistema seja ele de ordem escolar, social ou até mesmo familiar.

Os autores ainda citam que as crianças não têm a autonomia de escolher quando se inicia ou termina o tratamento, porém as mesmas podem evitar a fluidez do tratamento podendo até sentir medo da terapia mas, alguns eventos externos como a determinação dos pais, escola e até mesmos uma determinação judicial pode força-las a dar continuidade ao processo.

Ainda sobre o distanciamento da TCC na clinica do infante, a forma lúdica é um destaque que elucida esta pratica pois, possibilita estar em uma relação horizontalizada com a crianças, eliciando atrativos para o envolvimento para o processo terapêutico Friedberg, McClure e Garcia (2011), salientam ainda que esta metodologia possibilita uma construção consolidada da aliança terapêutica.

O relato dos pais destacado por Friedberg, McClure e Garcia (2011), também concretiza a eficácia do tratamento, entretanto é de suma importância se levar em consideração o “relato” da criança que será colhido no decorrer das sessões pois, possibilita ao terapeuta a percepção de pontos de convergência nos discursos, propiciando a conhecimento dos conteúdos a serem trabalhados tantos na criança quanto nos familiares.

Visto isso Pureza *et al.*, (2014), destacam que o ponto de aproximação da TCC com crianças para com o adulto é o foco no presente, a objetivação na mudança comportamental e cognitiva bem como as sessões estruturadas.

Os autores supracitados ainda salientam que como a TCC vem sendo cada vez mais procurada para atendimentos infantis, dado seu caráter diretivo bem como de assertividade, é necessário levar em consideração alguns aspectos importantes a serem considerados, como a conceitualização cognitiva técnica imprescindível para o terapeuta da TCC, pois o discurso coletado na anamnese não é colhido somente pelo paciente mas, pelos pais em sua grande parte. Desta forma a prática clínica aponta que a coleta de dados deve ser feita de forma completa por se ter uma melhor visão do caso.

A avaliação deve ser investigada de uma forma aprofundada, dados relevantes como gestação, puerpério, história pregressa da criança, doenças maternas, uso de substâncias na gestação e até mesmo as formas como foram constituídos os vínculos familiares e como se dá a manutenção destes tem relevância para uma análise mais eficaz (BORGES; DELL'AGLIO, 2008).

3.4.2 Recursos terapêuticos na clínica com crianças

Aprender como realizar intervenções assertivas na clínica com crianças é um fator imprescindível para psicólogo visto que, é de interesse no terapeuta traçar uma relação de confiança para que deste modo possa ter um vínculo terapêutico estreito. Com isso dito, Friedberg, Mcclure e Garcia (2011) aponta que estes fatores são também de suma importância para os familiares visto que isso propicia a concepção no responsável de como deve utilizar e identificar formas adequadas.

Outro fator importante que os autores supracitados ainda destacam é de que as relações são de suma importância no traçado terapêutico.

É importante entender que, nas interações da criança, a demonstração de empatia, o comportamento de fantasiar, a aquisição de regras e o desenvolvimento de respostas assertivas são aspectos relevantes, pois indicam como o ambiente tem influenciado o comportamento. As relações, portanto, demonstram níveis de tais características, ao mesmo tempo em que favorecem novas aprendizagens, devido à exposição a outras contingências ou modelos comportamentais (FRIEDBERG; MCCLURE; GARCIA, 2011).

Segundo as autoras o próximo passo do tratamento psicoterápico é a conceitualização cognitiva que se difere em alguns pontos das que são aplicadas com adultos já que, é levando em consideração aspectos como etapa do desenvolvimento, contexto social que está inserida bem como características particulares da criança. Deste modo a conceitualização cognitiva tem como objetivo buscar identificar as dificuldades vividas pela criança, fatores relevantes para a hipótese diagnósticas (HD), percepção de mundo e da família, identificação das emoções e estratégias compensatórias.

A conceitualização cognitiva é onde ocorre a formulação do caso, embasada na concepção cognitiva dos pensamentos disfuncionais bem como, possíveis transtornos emocionais. Através desta avaliação pode-se perceber os problemas atuais, fatores precipitantes, eventos estressores que podem acarretar em problemas psicológicos (KNAPP *et al.*, 2004).

Na clínica com crianças é papel do terapeuta realizar uma busca ativa mais profunda se utilizando das ferramentas de uso do psicólogo chamada de recursos terapêuticos, estes recursos guiam a investigação de uma forma mais elaborada e aprofundada para que assim possa ser feito com o paciente. A fantasia utilizada como recurso terapêutico da clínica com crianças promove a identificação de comportamentos disfuncionais, regras, pressupostos como também repertórios de pensamentos disfuncionais (REGRA, 2004).

Portanto, o fantasiar pode ser utilizado como um recurso cuja finalidade é facilitar a discriminação de “padrões de comportamento das personagens da história que podem fazer parte do repertório de comportamentos das crianças e de seus familiares” (REGRA, 1999, p. 107).

A psicoeducação também é utilizada como recurso terapêutico pois, propicia ao paciente a orientação em vários aspectos seja a respeito da patologia, avaliando os repertórios comportamentais, na construção de crenças positivas e desconstrução das negativas (BECK, 2013).

Wright, Basco e Thase (2008), ainda salientam que para fortalecer este trabalho a psicoeducação tem um imprescindível papel, pois é a forma que o terapeuta proporciona para o paciente a responsabilidade da aliança terapêutica bem como, responsabiliza e educa acerca dos processos que serão experienciados por ele no decorrer dos atendimentos. Um exemplo apontado pelos referidos autores é a monitoração da frequência dos P.A que confirmam a crença disfuncional ou crença nuclear que é o nível mais fundo da cognição (trauma enraizado), desta forma o paciente pode identifica-los e por sua vez confronta-los gerando a concepção que se trata de uma ideia disfuncional.

4 METODOLOGIA

4.1 TIPO DE ESTUDO

Esta pesquisa foi embasada numa revisão de literatura em uma coleta de cunho documental, levando em consideração o enredo do livro “O pequeno príncipe” do autor Antoine de Saint-Exupéry e as maneiras como ele pode ser utilizado como Recurso Terapêutico na abordagem da Terapia Cognitiva Comportamental.

O método é o percurso que orienta o investigador para os resultados esperados, ainda que este seja traçado gradativamente durante o processo de pesquisa, de forma científica e técnicas, baseadas na escolha de quem realiza o estudo tendo em vista os objetivos que busca alcançar e os pensamentos que o norteiam (LAKATOS; MARCONI, 2017).

Porém esta pesquisa como já relatado anteriormente é de caráter documental onde segundo Lakatos e Marconi (2017), é caracterizada por analisar documentos, relatórios, dados estatísticos, revistas. Podendo ser divididas em fontes secundarias no qual os dados já podem ter sido compilados por outro pesquisador e fonte primaria onde ainda não teve apuração por outro pesquisador.

Este estudo é considerado como uma pesquisa de caráter qualitativo, que se atribui em realizar uma investigação de elementos que não se fundamentam em quantidades, mas sim envolvem a compreensão de significados e características apresentadas de valores, atitudes, aspirações, crenças, motivos e todos os aspectos em geral que não podem vir a ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Buscando de modo descritivo contextualizar a realidade apresentada em sua complexidade de maneira que possa auxiliar na compreensão do tema que está sendo estudado (LAKATOS; MARCONI, 2017).

Esta pesquisa pode também ser considerada por um processo descritivo que se interessa não apenas pela coleta e exposição dos dados, mas também busca apresentar o desenvolvimento e a interpretação empírica das informações obtidas (LAKATOS; MARCONI, 2017).

Para a realização deste estudo foi utilizado à análise de discurso onde é utilizada para descrever e interpretar as falas, podendo seguir uma descrição sistemática, seja qualitativa ou quantitativa de documentos livro e artigos. Os pontos norteadores o rigor e a ética foram de suma importância visto que, esta técnica segue entre a objetividade e a subjetividade (GIL, 2016).

O lócus da pesquisa é considerado a partir das cenas retratadas no enredo do livro proposto, a transição dos planetas e falas expostas pelo protagonista do livro, podendo considerar que envolve a narração de fatos e fenômenos que estão interligados a valores e padrões do desenvolvimento infantil, bem como a investigação de sintomas que podem ser conduzidos por um terapeuta cognitivo comportamental (LAKATOS; MARCONI, 2017).

Acerca da instrumentalidade para a coleta de dados que foi utilizado a literatura supracitada, artigos e livros que auxiliaram no processo de construção das situações expostas pelos personagens que possam expor fases do desenvolvimento infantil bem como, o conteúdo imaginativo, situações que possam ter um traçado terapêutico, materiais bibliográficos acerca do envasamento teórico das técnicas da TCC e do teórico Jean Piaget do desenvolvimento infantil que estão dispostos nas bibliotecas virtuais como *Scielo*, Google Acadêmico e livros dispostos na biblioteca da Centro Universitário Vale do Salgado. Desta forma como o estudo se trata de uma pesquisa documental será utilizado como base a análise discurso. A pesquisa é uma revisão de literatura é “desenvolvida a partir de matérias já elaborado constituído principalmente de livros e artigos científicos” (GIL, 2008, p. 50).

4.2 PERÍODO QUE COMPREENDE O ESTUDO

A realização desta pesquisa se deu do início de fevereiro de 2019 e se encerrou em meados de novembro do ano de 2019.

4.3 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO

Foi levado em consideração como critério de inclusão na pesquisa falas e situações que possam embasar recursos terapêuticos voltados para a infância. Acerca dos critérios de exclusão a utilização de livros como recursos terapêuticos para adultos e idosos bem como técnicas da TCC que também não representam a temática proposta (LAKATOS; MARCONI, 2017).

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO

Trabalharemos com três aspectos principais a serem considerados no planejamento da utilização do livro “O Pequeno Príncipe” como Recurso Terapêutico na Terapia Cognitiva Comportamental: Forma de apresentar o livro; Possibilidades de demandas a serem trabalhadas; em que aspectos o que o livro poderá intervir na terapia do paciente.

Podemos perceber na literatura de “O Pequeno Príncipe” que a mesma aborda saída de seu planeta natal e a passagem do menino por todos os planetas, suas vivências, e a apropriação e significação do *habitus* foi relevante para a construção subjetiva do caráter e moral do príncipezinho.

Com isso dito La Taille, Oliveira e Dantas (1992), apontam que a socialização permeia e impacta todo o processo desenvolvimental das estruturas mentais do indivíduo, bem como, seu conhecimento, ou seja, o ser social se incrementa a partir das etapas do desenvolvimento cognitivo como também das influências e interações do meio em que está inserido.

Levando em consideração o enredo proposto em discussão pela pesquisadora, é possível perceber que as interações sociais que ocorrem nos planetas em que pequeno príncipe passa, atinge diretamente sua construção subjetiva, como por exemplo, o seu curto relacionamento com a raposa onde o príncipezinho passa a enxergar as relações e interações sociais com mais profundidade.

A literatura do pequeno príncipe traz uma reflexão acerca da passagem do menino ao planeta do homem de negócios tem uma dificuldade de compreender o porquê de contar e recontar as estrelas, ou seja, a concepção de prevalência do homem de negócios assim como a do príncipe é divergente, pois os estímulos ambientais e desenvolvimental são opostas.

Levando em consideração os estágios do desenvolvimento da teoria de Piaget, os autores supracitados ainda mencionam que a maneira de ser social de um adolescente é diferente de uma criança de cinco anos, pois, o adolescente é capaz de participar de relações sociais que expressam e demandam uma troca de equilíbrios intelectuais, ou seja, dependendo do grau de desenvolvimento em que uma criança se encontra o grau de socialização pode ser maior ou menor.

Tendo em vista a argumentação anterior, e remetendo-se ao enredo “O Pequeno Príncipe” o processo de socialização do personagem em relação aos outros sujeitos que fazem parte do elenco é maturado gradativamente, pois como já dito anteriormente devido à idade do

Príncipezinho ser de 6 anos, sua sociabilização com os personagens dependem dos construtos subjetivos que ele possui (SETTON, 2002).

Deste modo o estágio pré-operatório que Piaget (1973) descreve pela eclosão do domínio da linguagem e da representação do mundo por meio de símbolos é um fator eliciador do egocentrismo moral da criança desta forma ele ainda não consegue com plenitude colocar-se no lugar do outro. Com isso dito, remetendo-se a literatura se pode observar que a passagem curta e rápida pelo menino no planeta do bêbado é um exemplo da baixa compreensão do menino em relação aos problemas do bêbado.

Segundo a teoria Piagetiana o crescimento cognitivo da criança se dá por 3 fases assimilação, acomodação e equilíbrio. Piaget (1973), aponta que os indivíduos constroem estes esquemas de assimilação como forma de encara a realidade, porém o crescimento da criança se dá através da assimilação e acomodação. No caso a acomodação se dá através de modificações, construções do desenvolvimento cognitivo que se assimila através de problemas, dificuldades e alterações que o meio oferta, porém a reestruturação ocorre através da acomodação.

Contudo fazendo uma ponte entre o desenvolvimento cognitivo e a TCC, Beck (2013), corrobora como o autor supracitado salienta a importância da *conceitualização cognitiva* onde o terapeuta se dispõe a realizar os traçados dos aspectos familiares, relacionais (escola, vizinhos, amigos), de lazer, influências culturais, quais valores estão sendo adquiridos de acordo com as vivências. Estes aspectos são considerados de suma importância para a construção do planejamento terapêutico, pois é ele quem dá o direcionamento ao psicólogo para as intervenções que serão feitas no âmbito clínico.

Em relação aos recursos lúdicos instaurados na clínica com crianças Haber e Carmo (2007) relatam que a *fantasia* sendo utilizada como recurso lúdico terapêutico pode propiciar ao profissional a possibilidade identificar pensamentos disfuncionais, pensamentos adaptativos aversivos, padrões de comportamentos que estão gerando algum tipo de prejuízo para criança, ou seja, este recurso em uma abordagem clínica responde ao propósito de discriminar padrões de comportamentos emitidos por personagens em “estórias” que podem fazer parte tanto do histórico da criança como seus familiares.

Além disto, o autor retrata que o recurso da fantasia é voltado ao cunho diagnóstico e interventivo, dado que é necessário atuar com base nas informações colhidas anteriormente. Este repertório propicia o processo de perceber padrões de comportamentos aversivos, bem como alternativas para resolução ou mudanças destes. Portanto Haber e Carmo (2007) apontam que o termo fantasiar é compreendido como o recurso terapêutico bem como

comportamento, ou até mesmo como o ato de relatar propiciando ao psicólogo a inerência de que as manifestações emitidas se dão de acordo com as relações estabelecidas com o meio.

Corroborando com os autores supracitados:

[...] o interesse em trabalhar com o relato verbal de estórias fictícias (fantasia), onde a criança descreve os sentimentos dos personagens e as possíveis regras que governam seus comportamentos, se deve ao fato de que este instrumento – a fantasia – favorece a identificação de possíveis sentimentos da própria criança, através de inferências baseadas em seu relato verbal (REGRA, 1993, p. 51).

Visto isso, as autoras ainda destacam que o psicólogo se utilizando de recursos lúdicos, para ajudar a criança a entrar em um processo de conscientização e suas emoções, comportamentos e sentimentos que se passam no cotidiano, transportando a criança para o foco nas resoluções destes problemas.

Conte (1987), aponta que os recursos lúdicos utilizados na terapia infantil têm por objetivo central, estabelecer uma relação horizontalizada com a criança. A autora ainda indica que a utilização de brinquedos possibilita a fala e comportamentos indiretos sobre as suas relações sendo estes, diretas ou indiretas. Como exemplos podemos retirar do livro estudado este trecho:

[...] faz já seis anos que meu amigo se foi com seu carneiro. Se tento descrevê-lo aqui, é justamente porque não o quero esquecer. É triste esquecer um amigo. Nem todo o mundo tem amigo. E eu corro o risco de ficar como as pessoas grandes, que só se interessam por números. Foi por causa disso que comprei uma caixa de tintas e alguns lápis também. É duro pôr-se a desenhar na minha idade, quando nunca se fez outra tentativa além das jiboias fechadas e abertas dos longínquos seis anos! Experimentarei, é claro, fazer os retratos mais parecidos que puder. Mas não tenho muita esperança de conseguir. Um desenho parece passável; outro, já é inteiramente diverso. Engano-me também no tamanho. Ora o príncipezinho está muito grande, ora pequeno demais. Hesito também quanto à cor do seu traje. Vou arriscando então, aqui e ali. Enganar-me-ei provavelmente em detalhes dos mais importantes. Mas é preciso desculpar. Meu amigo nunca dava explicações. Julgava-me talvez semelhante a ele. Mas, infelizmente, não sei ver carneiro através de caixa. Sou um pouco como as pessoas grandes. Acho que envelheci. (EXUPERY, 2015, p. 11).

Ludicidade não se trabalha somente com brinquedos, despertar a criatividade da criança para pensamentos mais filosóficos como a morte, a felicidade, a honra, o respeito também pode ser realizado com estrofes de livros.

Com isso dito, é de uma importância salientar que existem vários fatores que propiciam a eficácia do tratamento com crianças Kazdin (2000), aponta que a *psicoeducação* é um dos fatores preponderantes para a reestruturação cognitiva da criança, principalmente atrelado a recursos imaginativos (lúdico) como exemplo o autor ressalta o auxílio de livros para o estabelecimento de insights guiados.

Desta forma Beck (2013), aponta que a *psicoeducação* é uma técnica que relaciona a instrumentalidade de recursos terapêuticos como forma de guiar e esclarecer ao paciente formas, educar acerca da sua patologia seja ela de ordem física, biológica ou psíquica, bem como ao seu tratamento.

Vem brincar comigo, propôs o príncipezinho. Estou tão triste...

- Eu não posso brincar contigo, disse a raposa. não me cativaram ainda.

- Ah! desculpa, disse o príncipezinho.

Após uma reflexão, acrescentou:

- Que quer dizer "cativar"?

- Tu não és daqui, disse a raposa. Que procuras?

- Procuo os homens, disse o príncipezinho. Que quer dizer "cativar"?

- Os homens, disse a raposa, têm fuzis e caçam. É bem incômodo! Criam galinhas também. É a única coisa interessante que fazem. Tu procuras galinhas?

- Não, disse o príncipezinho. Eu procuro amigos. Que quer dizer "cativar"?

- É uma coisa muito esquecida, disse a raposa. Significa "criar laços..."

- Criar laços?

- Exatamente, disse a raposa. Tu não és para mim senão um garoto inteiramente igual a cem mil outros garotos. E eu não tenho necessidade de ti. E tu não tens também necessidade de mim. Não passo a teus olhos de uma raposa igual a cem mil outras raposas.

Mas, se tu me cativas, nós teremos necessidade um do outro. Serás para mim único no mundo. E eu serei para ti única no mundo...

- Começo a compreender, disse o príncipezinho. Existe uma flor... eu creio que ela me cativou [...] (EXUPERY, 2015, p. 49).

Com o trecho acima podemos trabalhar a psicoeducação com a criança sobre ela criar amizades, criar laços afetivos com outras crianças e/ou com adultos, utilizando-se da teoria piagetiana onde a criança aprende experimentando o mundo.

Várias são as demandas que chega ao consultório psicológico: ansiedade, tristeza, luto, frustrações, incertezas, decepções, enfim, muitas coisas que podem gerar sofrimento psíquico nos indivíduos e nos grupos. Estes vem acompanhados de crenças limitadoras que aparecem de forma de pensamentos disfuncionais que podem sinalizar esquemas desadaptativos os quais querem investigação para a intervenção e redução dos sintomas que afetam o ser em suas bases, sejam elas, a emoção, a cognição e o comportamento podem alterar a sua relação consigo mesmo, com os outros e até sua perspectiva referente aos seus sonhos e objetivos de vida.

Os livros são excelentes recursos terapêuticos para serem utilizados durante as sessões, mas como qualquer material escolhido como recurso terapêutico, a decisão do psicólogo pelo seu uso deve estar bem fundamentada em cada caso clínico. Neste sentido, entendemos recurso terapêutico como um instrumento de intervenção que nascerá necessariamente partindo de queixas trazida pelo paciente.

O simples fato de utilizar um livro como um instrumento terapêutico não garante que o objetivo desejado seja conseguido, também é necessário um certo cuidado na escolha dos procedimentos a serem realizados no desenvolvimento das sessões de terapia. Para tomar a decisão de escolher o livro “O Pequeno Príncipe” ou outro livro qualquer como Recurso Terapêutico, é necessário que o terapeuta identifique se suas habilidades são suficientes para a condução da atividade.

Conhecer o paciente e saber se a atividade de ouvir a história será reforçador é fundamental para que objetivo proposto obtenha o resultado esperado. Ainda sobre isto, a forma em que o terapeuta apresenta o próprio livro pode aumentar o valor reforçador, visto que na maioria das vezes os livros utilizados para este fim são curtos, ilustrativos e de linguagem simples.

No caso do “O Pequeno Príncipe”, existem diferentes modelos para apresentação do enredo da história, demonstraremos algumas formas possíveis tais como, por exemplo, a própria leitura do livro na sua totalidade durante a sessão; a escuta da história através de livro book ou mesmo parafraseando alguns trechos do livro.

Se o terapeuta fizer a opção de escolher a leitura do livro na sua íntegra durante as sessões, necessário se faz que o mesmo tenha um exercício prévio de leitura em voz alta e seja capaz de identificar informações, dando ênfase nos assuntos de acordo com o que quer trabalhar mais enfaticamente, destacando falas de personagens, informações relevante, etc. O livro estudado neste trabalho referencia várias discussões, mesmo para o público infantil. Podemos exemplificar esta informação trabalhando temas como luto, amizade, honestidade, verdade, entre outros. Vejamos estes trechos onde o protagonista e a raposa conversam sobre amizade.

[...] Tu não és para mim senão um garoto inteiramente igual a cem mil outros garotos. E eu não tenho necessidade de ti. E tu não tens também necessidade de mim. Não passo a teus olhos de uma raposa igual a cem mil outras raposas. Mas, se tu me cativas, nós teremos necessidade um do outro. Serás para mim único no mundo. E eu serei para ti única no mundo [...] (EXUPERY, 2015, p. 49).

(...)

- A gente só conhece bem as coisas que cativou, disse a raposa. Os homens não têm mais tempo de conhecer alguma coisa. Compram tudo prontinho nas lojas. Mas como não existem lojas de amigos, os homens não têm mais amigos. Se tu queres um amigo, cativa-me! (EXUPERY, 2015, p. 51).

O terapeuta poderá retirar alguma parte do livro, caso não exista interesse em chamar atenção ao assunto demonstrado, contudo esta ação exigirá do mesmo um maior domínio sobre o recurso terapêutico para não prejudicar a história.

Outra técnica interessante seria o terapeuta escolher parafrasear a história, onde o terapeuta pode trazer os trechos tanto após uma sessão onde contou a leitura na íntegra do livro, como também sendo o primeiro contato do paciente com a história. Parafrasear exige do terapeuta habilidade de dominar a história, recontando-a com as próprias palavras sem esquecer de utilizar o mesmo final do livro: “sem a moral da história”. Esta foi uma das características do livro que mais abre a possibilidade para o paciente de construir as próprias conclusões.

Muitas são as demandas que podem ser identificadas pelo psicoterapeuta em cada sessão, muitas delas podem ser trabalhadas ao longo do livro, a terapia cognitiva comportamental indica que se deve trabalhar uma demanda por vez, na ordem de relevância, de importância após análise funcional. Provavelmente o paciente venha a reconhecer algumas das demandas a serem trabalhadas no momento em que entra em contato com a história do protagonista do livro, no caso, o pequeno príncipe, mas o terapeuta deve ser celetista nas perguntas realizadas, objetivando direcionar sua intervenção.

Várias são as demandas que chega ao consultório psicológico: ansiedade, tristeza, luto, frustrações, incertezas, decepções, enfim, muitas coisas que podem gerar sofrimento psíquico nos indivíduos e nos grupos. Estes vem acompanhados de crenças limitadoras que aparecem de forma de pensamentos disfuncionais que podem sinalizar esquemas desadaptativos os quais querem investigação para a intervenção e redução dos sintomas que afetam o ser em suas bases, sejam elas, a emoção, a cognição e o comportamento podem alterar a sua relação consigo mesmo, com os outros e até sua perspectiva referente aos seus sonhos e objetivos de vida.

Os livros são excelentes recursos terapêuticos para serem utilizados nas sessões psicoterápicas, mas como qualquer escolha de recurso terapêutico, a decisão do profissional pelo seu uso deve estar bem fundamentada em cada caso clínico.

Neste sentido, entendemos recurso terapêutico como um instrumento de intervenção a partir de alguma queixa trazida pelo paciente e/ou para atingir algum objetivo terapêutico definido pelo terapeuta a partir de suas observações.

O simples fato de utilizar um livro como um instrumento de intervenção não é suficiente para garantir que o objetivo delimitado seja alcançado, também é necessário a correta escolha dos procedimentos a serem realizados no decorrer das sessões.

Trabalharemos com três aspectos principais a serem considerados no planejamento da utilização do livro *O Pequeno Príncipe* como Recurso Terapêutico na Terapia Cognitiva

Comportamental: Forma de apresentar o livro; Possibilidades de demandas a serem trabalhadas; Em que aspectos o que o livro poderá intervir na terapia do paciente.

Para tomar a decisão de escolher o livro *O Pequeno Príncipe* como Recurso Terapêutico, é necessário que o terapeuta identifique se suas habilidades são suficientes para a condução da atividade.

Conhecer o paciente e saber o quão reforçador é ouvir a história torna-se fundamental para que a atividade obtenha sucesso. Ainda sobre isto, a maneira em que o terapeuta apresenta o próprio livro pode aumentar o valor reforçador, visto que o mesmo é curto, ilustrativo e de linguagem simples.

No caso do *O Pequeno Príncipe*, existem diferentes modelos para apresentação da história do livro, demonstraremos algumas possibilidades: **a)** a leitura do livro na íntegra na sessão; **b)** parafrasear a história do livro.

Se o terapeuta fizer a opção de escolher a leitura do livro na íntegra nas sessões, necessário se faz que o mesmo tenha um treino prévio de leitura em voz alta e seja capaz de identificar informações, dando ênfase nos assuntos de acordo com o que quer trabalhar mais, destacando falas de personagens, informações relevante, etc. O terapeuta poderá retirar alguma parte do livro, caso não exista interesse em chamar atenção ao assunto demonstrado, contudo esta ação exigirá do mesmo um maior domínio sobre o recurso terapêutico para não prejudicar a história. Vejamos este exemplo:

Sua flor lhe havia contado que ela era a única de sua espécie em todo o universo. E eis que havia cinco mil, iguaizinhas, num só jardim! "Ela haveria de ficar bem vermelha, pensou ele, se visse isto... Começaria a tossir, fingiria morrer, para escapar do ridículo. E eu então teria que fingir que cuidava dela; porque senão, só para me humilhar, ela era bem capaz de morrer de verdade..." Depois, refletiu ainda: "Eu me julgava rico de uma flor sem igual, e é apenas uma rosa comum que eu possuo." E, deitado na relva, ele chorou (EXUPERY, 2015, p. 48).

Outra técnica interessante seria o terapeuta escolher parafrasear a história do "*O Pequeno Príncipe*", acontecendo tanto após uma sessão com a leitura na íntegra do livro, como também sendo o primeiro contato do paciente com a história.

Parafrasear exige a habilidade de lembrar da história e contá-la com as próprias palavras sem esquecer de utilizar o mesmo final do livro: "sem a moral da história". Esta foi uma das características do livro que mais abre a possibilidade para o paciente de construir as próprias conclusões.

Não soube compreender coisa alguma! Devia tê-la julgado pelos atos, não pelas palavras. Ela me perfumava, me iluminava... Não devia jamais ter fugido. Devia ter-

*lhe adivinhado a ternura sob os seus pobres ardis. São tão contraditórias as flores!
Mas eu era jovem demais para saber amar (EXUPERY, 2015, p. 22).*

Utilizando-se para parafrasear este trecho do livro, o terapeuta pode trabalhar assuntos como o relacionamento da criança com a família, os pais, os irmãos, os avós. Pessoas próximas aonde a criança deve observar o comportamento desta pessoa e não enfatizar em suas ações.

Inúmeras são as demandas identificadas pelo psicoterapeuta em cada sessão, muitas delas podem ser trabalhadas ao longo do livro, a abordagem indica trabalhar uma demanda por vez, na ordem de relevância após análise funcional. Provavelmente o paciente reconheça muitas das suas demandas a serem trabalhadas no instante em que entra em contato com a história do protagonista deste livro, mas o terapeuta deve ser celetista nas perguntas realizadas, objetivando direcionar sua intervenção.

Vale ressaltar que para possibilidades de trabalho o terapeuta deve se embasar na análise funcional e buscar realizar uma intervenção de acordo com o que for mais produtivo para o paciente. Os recursos terapêuticos devem ser utilizados como meios de intervenção partindo de objetivos a serem alcançados em cada sessão de terapia. A competência que o terapeuta possui sobre este recurso vai interferir diretamente nos resultados alcançados com o paciente. Sendo assim, chamamos a atenção para a qualificação do terapeuta na escolha de seus recursos terapêuticos.

Utilizar o livro, no nosso caso de estudo, *O Pequeno Príncipe*, como Recurso Terapêutico através de metáfora é uma das proposta metodológicas que defendemos. Pinheiro (2012) faz análises fundamentadas sobre o uso de metáfora na clínica comportamental e defende que a metáfora apresentada pelo terapeuta tem função de estimular uma mudança de controle de estímulos no paciente.

A terapia cognitiva comportamental trata a metáfora como recurso relevante, pois está prática abre inúmeras formas de intervenção clínica. Um exemplo de intervenção partindo da metáfora do conteúdo do livro é a emissão de regras pelo terapeuta, ou seja, ele irá trabalhar com recomendações, vai analisar situações, interpretações e explicações para que se está apresentando tal livro naquele momento para o paciente. De acordo com Medeiros (2010) e Medeiros e Medeiros (2012), esta é uma escolha arriscada e pode resultar em diversas implicações desfavoráveis no processo terapêutico. Porém, vale ressaltar que a maneira de trabalhar com o paciente é única e será escolha do terapeuta, a qual exigirá habilidades de como manejar as sessões.

O Pequeno Príncipe nos fala sobre a amizade e a transcendência dela; sobre o sofrimento e o encanto do amor e seu entorno filosófico; e nos faz refletir sobre o valor da ética, da responsabilidade com as pessoas e com as coisas que não estão à vista, mas escondidas em um horizonte qualquer: ‘O que torna belo um deserto é que ele esconde um poço em algum lugar’.

É imprescindível que o terapeuta tenha a clara compreensão do que a metáfora significa para o paciente no contexto terapêutico antes mesmo de direcionar para o motivo que a apresentou. Temos isso muito bem explicado na literatura pela raposa ao Pequeno Príncipe:

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo buscou abordar, com a contribuição de dados bibliográficos, argumentos teóricos que fundamentam os recursos lúdicos e imaginativos influenciando no processo terapêutico e o período desenvolvimento da criança, bem como visou estabelecer um aporte teórico para a utilização destes recursos como ferramenta substancial no tratamento com crianças, utilizando-se da TCC.

Constatou-se que os resultados apresentados na pesquisa ratificam as evidências postas pela literatura onde se pode perceber que os processos do desenvolvimento da criança de Jean Piaget bem como, os processos interventivos da TCC são ambos cognitivos e comportamentais, salientando a importância de se utilizar recursos piagetianos na clínica da TCC com crianças.

Considera-se de suma importância abordar que os processos de desenvolvimento da criança devem ser assistidos de perto de forma aos pais e/ou cuidadores estarem atentos a eventos que possam gerar comportamentos disfuncionais para a criança isso sendo possível através da psicoeducação bem como, o processo terapêutico bem traçado.

Para tanto se faz premente sublinhar que é fundamental ampliar debates acerca da utilização da TCC e os recursos terapêuticos contidos na clínica como forma de assertividade no tratamento transcendendo patologias, mas sim como forma de otimizar a eficácia no tratamento, bem como utilizar-se de outras fontes de modo que isso auxilie e aumente a assertividade do mesmo.

Sendo assim, conseguimos com este estudo exemplificar como utilizar o livro “O Pequeno Príncipe” como Recurso Terapêutico na Clínica Infantil, utilizando-se da Terapia Cognitivo Comportamental. Temos consciência que inúmeras outras maneiras de trabalhá-lo ainda podem ser exploradas, afinal, enquanto obra de arte, o livro se encontra para ser explorado de acordo com as individualidades e competências do terapeuta.

Demonstramos com a utilização do livro que ele pode sim, ser um excelente Recurso Terapêutico, porém, cada pessoa que trabalhar com o mesmo terá suas peculiaridades a explorar, para concluir, uma última lição:

[...]

- Adeus, disse ele...

- Adeus, disse a raposa. Eis o meu segredo. É muito simples: só se vê bem com o coração. O essencial é invisível para os olhos.

- O essencial é invisível para os olhos, repetiu o príncipezinho, a fim de se lembrar.

- Foi o tempo que perdeste com tua rosa que fez tua rosa tão importante.

- Foi o tempo que eu perdi com a minha rosa... repetiu o príncipezinho, a fim de se lembrar.
- Os homens esqueceram essa verdade, disse a raposa. Mas tu não a deves esquecer. Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas. Tu és responsável pela rosa...
- Eu sou responsável pela minha rosa... repetiu o príncipezinho, a fim de se lembra [...] (EXUPERY, 2015, p. 53).

Assim, trabalhar com crianças, utilizando-se da Terapia Cognitivo Comportamental e o livro, seja ele qual for, como Recurso Terapêutico vai ser proveitoso, de acordo com a dedicação do terapeuta para adentrar no mundo infantil, vai depender do tempo dedicado ao conhecimento do universo da criança, da teoria e dos autores.

Muito ainda está para ser explorado em se tratando do livro “O Pequeno Príncipe”, este trabalho é uma parcela de contribuição na literatura sobre o assunto abordado, espera-se ter contribuído a altura do que o livro merece.

REFERÊNCIAS

BECK, J. S. **Terapia Cognitiva-Comportamental: teoria e prática**. 2. ed. Porto Alegre. Artmed, 2013.

BORGES, J. L.; DELL'AGLIO, D. D. Relações Entre Abuso Sexual Na Infância, Transtorno De Estresse Pós-Traumático (TEPT) E Prejuízos Cognitivos. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 13, n. 2, p. 371-379, 2008.

CONTE, F. C. S. Procedimentos e metas em terapia comportamental: implicações éticas. **Temas em Psicologia**, São Paulo, n. 2, p. 47-56, 1987.

CONTE, F. C. S.; REGRA, J. A. G. **A psicoterapia comportamental infantil: novos aspectos**. Campinas: Papyrus, 2000.

DEL PRETTE, Z. A. P. **Psicologia das habilidades sociais na infância: teoria e prática**. Rio de Janeiro: Vozes, 2017. Disponível em: <https://www.publicacoesacademicas.uniceub.br/cienciasaude/article/view/523/344>. Acessado em: 12 Mar. 2019

EXUPÉRY, A. S. **O Pequeno Príncipe**. 52. ed. Rio de Janeiro: Agir, 2015.

FRIEDBERG, R. D.; MCCLURE, J. **A prática clínica de terapia cognitiva com crianças e adolescentes**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

FRIEDBERG, R. D.; MCCLURE, J. M.; GARCIA, J. H. **Técnicas de terapia cognitiva para crianças e adolescentes**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

GADELHA, Y. A.; MENEZES, I. N. Estratégias lúdicas na relação terapêutica com crianças na terapia comportamental Univ. **Ciências da Saúde**, Brasília, v. 2, n. 1, p. 1-151, 2004.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2016.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.

HABER, G.; CARMO, J. dos S. O fantasiar como recurso na clínica comportamental infantil. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 45-61, 2007.

KAZDIN, A. E. Developing a research agenda for child and adolescent psychotherapy. **Arch Gen Psychiatry**. s/1, n. 57, p. 829-837, 2000.

KERNBERG, P. F.; WEINER, A. S.; BARDENSTEIN, K. K. **Transtornos de Personalidade em Crianças e Adolescentes**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

KNAPP, P. *et al.* **Terapia cognitivo-comportamental na prática psiquiátrica**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

LA TAILLE, Y.; OLIVEIRA, M. K.; DANTAS, H. **PIAGET, VYGOTSKY, WALLON Teorias Psicogenéticas em Discussão**. São Paulo: Summus, 1992.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

MATOS, M. A. **O behaviorismo metodológico e suas relações com o behaviorismo radical**. Santo André: ESETec, 1997.

MEDEIROS, C. A.; MEDEIROS, N. N. F. A. Psicoterapia Comportamental Pragmática: uma terapia comportamental menos diretiva. *In*: PESSOA, C. V. B. B.; COSTA, C. E.; BENVENUTI, M. F. **Comportamento em Foco**. São Paulo: Associação Brasileira de Psicologia e Medicina Comportamental – ABPMC, 2012. p. 417-436.

MEDEIROS, C. A. Comportamento Governado por Regras na Clínica Comportamental: Algumas Considerações *In*: FARIAS, A. K. C. R. de (Org.). **Análise Comportamental Clínica**. Porto Alegre. Artmed. 2010. p. 95-111.

MICHELETTO, N. **Behaviorismo e outros ismos**. Santo André: ARBytes. 1999.

MOURA, C. B; VENTURELLI, M. B. Direcionamentos para a condução do processo terapêutico comportamental com crianças. **Revista Brasileira de Terapia Cognitivo-Comportamental**, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 17-30, 2004.

OTERO, V. R. L. O Sentimento na psicoterapia comportamental infantil: envolvimento dos pais e da criança. *Temas em Psicologia*, São Paulo, n. 2. 1993.

PIAGET, J. **Estudos Sociológicos**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1973.

PIAGET, J. **Psicologia e Pedagogia**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1970.

PIAGET, J. **Seis estudos da Psicologia**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1991.

PIAGET, J. **Tratado de Psicologia Experimental: a Inteligência**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1969.

PINHEIRO, R. S. **A utilização de metáforas como recurso terapêutico**. Portal Comportese, 2012. Disponível em: <https://www.comportese.com/2012/02/a-utilizacao-de-metaforas-como-recurso-terapeutico>. Acessado em: 10 Out. 2019.

PUREZA, J. R; RIBEIRO, A. O.; PUREZA, J. R.; LISBOA, C. S. M. Fundamentos e aplicações da terapia cognitivo comportamental com crianças e adolescentes. **Revista Brasileira de Psicoterapia**, Porto Alegre, v. 16, n. 1, p. 85-103, 2014.

REGRA, J. A. G. Aprender a estudar. **Análise do Comportamento para a Educação: contribuições recentes**, p. 225-242, 2004.

REGRA, J. A. G. A fantasia e o desenho *In*: **Sobre comportamento e cognição: Psicologia comportamental e cognitiva- da reflexão teórica à diversidade na aplicação**. São Paulo: Arbytes, 1999.

SÉRIO, T. M. A.; **O behaviorismo radical e a psicologia como ciência**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

SETTON, M, G, J. A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 20, p. 60-70, 2002.

TOURINHO, E. Z. **Notas sobre o Behaviorismo de Ontem e de Hoje**. Rio de Janeiro: Vozes, 1988.

WRIGHT, J. H. BASCO, M. R.; THASE. M. E. **Aprendendo a terapia cognitivo-comportamental**: um guia ilustrado. Porto Alegre: Artmed, 2008.